



## LIVROS DIDÁTICOS E CONTOS DE FADAS (DIDACTIC BOOKS AND FAIRY TALES)

Sonia Maria ALVAREZ ( Universidade Braz Cubas)

**ABSTRACT:**The main purpose of this article, under the discourse analysis theorie view, is to analyse some fairy tales reported in two didactical Portuguese language books.

**KEYWORDS:** fairy tales; didactical books; discourse; education

Os contos de fadas são conhecidos, divulgados e estudados. Seus estudos focalizam, muitas vezes, sua estrutura; outras vezes, seus aspectos psicológicos e sua influência na formação da individualidade do ser humano e ainda a verificação do peso de suas personagens na coletividade.

O eixo de nosso trabalho, porém, não passa pelo conhecimento de sua estrutura ou pelo impacto psicológico e social que possa ter sobre as pessoas. Nosso objetivo é examinar o processo de configurações inerentes a todo discurso, aqui visto no livro didático em relação ao conto de fadas. O discurso do conto implica examinar seu aspecto interdiscursivo em lugares do dizer que não o reivindicam. Pretendemos, assim, analisar a abordagem do conto de fadas pelo livro didático. Segundo Authier-Revuz ( 1982 ) , sob nossas palavras outras palavras são ditas e se faz ouvir uma polifonia, pois o discurso é, em sua constituição, atravessado pelo discurso do outro.

Analisando doze coleções de 3<sup>o</sup>. e 4<sup>o</sup>. ciclos do Ensino Fundamental encontramos apenas dois contos de fadas: um, em um livro de 6<sup>a</sup>.série e outro em um livro de 5<sup>a</sup>. série. Em 48 volumes, só encontramos dois contos, o que pode significar, que o livro didático, enquanto lugar de transmissão de conhecimento constituído institucionalmente ( escola, aparato editorial ), com um desejo forte de cientificidade, coloca-se longe da “ficção”. O conto de fadas não faz parte (significativa) dos textos do livro didático, mas persiste na fala, na memória que sua leitura possa ter suscitado em diferentes momentos históricos e que chegaram hoje de outra forma mas, sem desaparecer de nosso imaginário. É inegável, porém, que ele se configure como atual, ao ser trazido para o presente pelo livro didático. Há sua reatualização pois o próprio discurso do conto de fadas em função de sua identidade que tem a forma da repetição e da mesmice “ *...instaura o novo - que não está naquilo que é dito, mas no fato de o que é dito retornar, ser re-dito numa outra conjuntura histórica.*” ( Brandão, 1989:229 )

Segundo Bakhtin ( 1999 ) a constituição de sistemas ideológicos a partir das artes, da religião, da ciência e da moral social cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano que constitui a palavra interior e exterior que acompanha cada um de nossos atos ou gestos e cada um de nossos estados de consciência, não sendo ordenada e nem fixada a um sistema. A vida de tais sistemas dependem, pois, da ideologia do cotidiano



que os alimenta e os mantém vivos, caso contrário não se poderia dizer serem eles significativos em termos ideológicos.

Em suas origens o conto de fadas servia a muitas funções, dentre elas a de educar as novas gerações e, segundo Franz ( 1981 ) seus temas comuns não mudaram muito, independentemente do lugar e tempo em que se situavam. Para Maria ( 1992 ) o conto atuava como veículo de transmissão de ensinamentos morais, valores éticos ou concepções de mundo na tradição oral dos povos, sendo fortalecido na memória de consecutivas gerações como uma espécie de legado que passava de pai para filhos. Hoje, num mundo grafocêntrico, o conto de fadas perde lugar para outras formas de realidade educacional ou recreativa, aparecendo em livros didáticos, filmes, desenhos e jogos de computador.

Segundo Bakhtin ( 1999 ), podemos dizer que o centro organizador do conto diz respeito ao aspecto social que envolve o indivíduo. Significa que, apesar de formas diferentes de apresentação, ele continua com seu discurso educativo, quer nos livros por nós enfocados, quer em outras realidades sociais, como o cinema, a televisão e os jogos de computador. Seu discurso pedagógico se mantém e diz respeito “ *à fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta...*” ( op.cit.123) e se configura como um estereótipo no discurso da vida cotidiana e, que chega até nós, por diferentes discursos devido a seu poder de adaptação ao que lhe reserva o momento histórico-social do grupo que o utiliza. Em nosso caso, é utilizado por autores de livros didáticos que assumem o discurso pedagógico dos contos e dos próprios livros didáticos e os colocam em seus textos.

O livro de 5<sup>a</sup>. série, chamado por nós de livro I coloca o conto em sua unidade 2 que possui o título de “ No caminho da fantasia”. O nome do conto é “Chapeuzinho Vermelho” de Charles Perrault. Há explicações do que vem a ser conto, fábula, lenda e história em quadrinhos. O livro apresenta sugestões para os leitores de contos contidos em vídeos e coleções de livros de Grimm e Perrault. Utiliza-se a versão de Perrault e comenta-se a versão dos irmãos Grimm.

Após a leitura do conto há exercícios de compreensão e interpretação com orientações para as respostas. É comum aos livros didáticos orientar as possíveis respostas dos alunos quanto aos exercícios de compreensão e interpretação, como se não houvesse vozes discordantes, vários procedimentos. Sempre há passos a serem seguidos, inclusive para os professores que recebem em seu exemplar a resposta a ser considerada como correta. O enunciado da questão no.5, por exemplo, expõe que, numa parte do conto, fica clara a intenção de alertar as moças, principalmente, sobre os riscos da imprudência e da ingenuidade.

Assim, o discurso pedagógico se alia ao discurso da moral judaico-cristã que educa os jovens para a vida, ensinando-lhes preceitos, regras e normas adquiridas por seus antecessores e que não devem ser questionadas. Outro exemplo, está o fato de o livro colocar a moral da história do Chapeuzinho Vermelho bem de acordo com a moral estabelecida pelo momento histórico-social em que vivia Perrault. Ainda hoje, a moral cristã está presente na obra e se reatualiza no conto que será lido por vários alunos de 5<sup>a</sup>. série em livro editado em mil novecentos e noventa e oito. É o *discurso citado* de Bakhtin que, por ser ideologicamente significativo, tem expressão no *discurso*



*interior.* Para Bakhtin ( 1999: 146 ) “...é no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação...”

Tais aspectos mostram que a produção do discurso do LD possui procedimentos que têm por papel uniformizá-lo, homogeneizá-lo, visando a uma possível cientificidade. Segundo Foucault ( 1971 ) é um procedimento que se exerce do exterior e constitui procedimentos de exclusão: o interdito - não se pode dizer tudo: só o que é permitido em determinado momento social, quer pela sua atualização, quer pela sua repetição.

O livro didático prevê certa cientificidade que garante a verdade, a objetividade e a própria isenção de seus textos. Coloca a versão da história segundo Perrault impedindo outras leituras. Ainda, como exemplo da cientificidade de seu discurso, a questão de no. 6 teoriza a estrutura do conto, de acordo com Propp e, a partir de tal teorização, elabora questões que levem os alunos a identificar ou resgatar a estrutura da história.

Com as questões interpretativas, de nos. 8 e 9, a autora faz um paralelo da história lida com a capa de uma revista em quadrinhos. Há o cruzamento do discurso da mídia, das histórias em quadrinhos, do senso comum revestido da experiência de outros (no caso, a personagem Magali, das histórias em quadrinhos de Mauricio de Souza) . Outros discursos podem ser observados, como o da gula da personagem e o da esperteza da mesma . Poderíamos dizer que, com o acréscimo da história em quadrinhos, o LD coloca um discurso antigo ( de Perrault e da própria tradição oral ) com sua moral da história e sua tendência à objetividade e à completude, ao lado de um discurso atual da mídia, a história em quadrinhos, que enfoca a realidade de uma menina esperta e comilona que engana o Lobo Mau, vilão da história tradicional. Sua atuação também pode ser regra, embasada que está por ambientes humanos, experiências vividas que valorizam hoje tais comportamentos. Ao lado de um imaginário preservado pela cultura popular, ou, quem sabe, pelo trabalho do cinema, tv, computadores e revistas o imaginário incorpora o discurso da esperteza, da malícia que caracterizam a nova visão do conto de acordo com a capa da história em quadrinhos colocada. A alegoria do ouvir os mais velhos como processo educativo se junta à alegoria do momento social que instaura novos discursos ao já existentes em relação ao conto de fadas. A colocação da história em quadrinhos continua com o discurso educativo do LD, com sua linguagem prescritiva que enfoca agora novos valores a serem incorporados à educação dos jovens. A roteirização ( cf. Coracini,1999 ) possibilita ao LD construir no imaginário escolar a noção de educar as novas gerações para a tradição e o já consagrado socialmente. Há, ainda, segundo Coracini ( 1999 ) a tendência de controlar pelo poder reconhecido do LD, que se coloca ora mais ora menos fechado, parecendo corresponder a uma característica de nossa cultura ocidental: o novo representa o retorno do já-dito, numa situação de enunciação nova, mas nunca primeira.

O livro de 6<sup>a</sup>. série, por sua vez, já inicia o conto em uma versão atualizada aos nossos tempos: como uma história em quadrinhos. O conto “ A Bela e a Fera “ é modernizado também quanto ao seu conteúdo para os quais o LD chama a atenção e pede que os leitores comentem. Possui, após o conto, o estudo do texto ( no livro 1



trabalha-se com a compreensão e interpretação) com questões que retomam partes da história e que são bastante semelhantes ao livro 1. Por exemplo, a questão de no. 13 pretende saber quais as idéias que a história valoriza.

Enquanto trabalho de expressão oral, o livro 2 comenta que o texto lido valoriza a beleza interior, que o amor pode transformar as pessoas e pede ao leitor que faça comentários a esse respeito. O discurso educativo e moral se repete.

Os livros analisados trabalham pontos comuns devido ao próprio discurso pedagógico do LD, ao discurso moralizante comum, ao discurso que se pretende educativo, ao discurso científico que impedem o aflorar de outros discursos que poderiam surgir. Impede, pôr assim dizer, o diferente, o pensar que vai além do senso comum, dos discursos moralistas, educativos e pedagógicos já estabelecidos.

**RESUMO:** Este artigo, a partir da perspectiva teórica da Análise de Discurso, pretende analisar conto de fadas em dois livros didáticos de Língua Portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** contos de fadas; livros didáticos; discurso; educação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER -REVUZ, J. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. In DRLAV - *Revue de Linguistique*, 26; pp.91-151, 1982.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BRANDÃO, H. N. *Dialogismo e Polifonia Enunciativa - Análise do Discurso da Propaganda*. Tese de Doutorado, São Paulo: Puc, 1988.
- CORACINI, M. J. A Redação no Livro Didático e na Sala de Aula: Criatividade e Avaliação. In: Coracini, M.J. ( org. ). *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático*. São Paulo: Pontes, 1999.
- FOUCAULT, M. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.
- FRANZ, M.L. *A interpretação dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- MARIA, L. *O que é conto*. Coleção Primeiros Passos no. 135. São Paulo: Brasiliense, 1992.

#### **Livros Didáticos Analisados**

- MESQUITA, R.M. & MARTOS, C. R. *Português - Linguagem e Realidade - 6ª. série*. São Paulo: Saraiva, 1997.
- CEREJA, W.R. & MAGALHÃES, T.C. *Português - Linguagens - 5ª. série*. São Paulo: Atual, 1998.